

PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA SERRA DO TAPIRAPUÃ EM TANGARÁ DA SERRA - MT

Ivanete Inês Parzianello Carvalho¹⁷

Germano Guarim Neto¹⁸

Elias Renato da Silva Januário¹⁹

RESUMO

A Serra do Tapirapuã, nas proximidades do acesso à Tangará da Serra – MT, pela Rodovia MT 358 e o Mirante Camping e Lazer localizado no topo da Serra é o cenário desse trabalho. Os atores sociais pesquisados, divididos em duas categorias, são os primeiros migrantes (PM) que chegaram a Tangará da Serra, a partir de 1959, e os atuais visitantes do mirante (VA). A opção metodológica é pela pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica e está centralizada nas impressões, sentidos e significados da Serra e suas relações contextuais com os grupos pesquisados. Ressalta-se, porém, que toda essa área era ocupada originalmente pelos índios Paresí. Além de dar visibilidade às questões ambientais da Serra do Tapirapuã, verifica-se que os atores sociais entrevistados possuem uma forte relação topofílica com a Serra do Tapirapuã e seus componentes, o *locus* dessa pesquisa, o que assegura também que pode desempenhar papel significativo para a Educação Ambiental na região.

Palavras-chave: Percepção Ambiental, Serra do Tapirapuã, Educação Ambiental.

ABSTRACT

Serra do Tapirapuã, in the access proximities to Tangará da Serra – MT, by the Highway MT 358 and the Mirante Camping e Lazer (Camping and Leisure Observatory) located in Serra's top is the scenery of this work. The searched social actors, divided into two categories, are the first migrant (FM) that arrived to Tangará da Serra, starting from 1959, and the current visitors of the Mirante (Observatory) (CV). The methodological option is through a qualitative research, with a phenomological approach, and it is centered in the impressions, felling and meaning of the Serra and its contexts related with the research groups. It points out, however, that all this area was occupied originally by the Paresi indians. Besides giving visibility to Serra do Tapirapuã's environmental matters, it verifies that the social actors interviewees own a strong topofilic relation with Serra do Tapirapuã and their components, the *locus* of this research, what it also assures that it can perform significant play for the Environmental Education in the region.

Key-words: Environmental Perception, Serra do Tapirapuã, Environmental Education.

¹⁷ Mestranda em Ciências Ambientais (UNEMAT). ivanete@unemat.br, ivaneteunemat@gmail.com

¹⁸ Depto. de Botânica e Ecologia (UFMT). Docente do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais (UNEMAT). guarim@ufmt.br

¹⁹ Depto. de História/UNEMAT. Docente do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais (UNEMAT). eliasjanuario@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura de crise ambiental que assola o país, principalmente em Mato Grosso, com índices alarmantes de desmatamento e outros problemas ambientais, ouvir a comunidade envolvida e chamá-la a participar na construção de alternativas sustentáveis é necessário e significativo.

Uma das possibilidades que se apresenta é proporcionar visibilidade as questões ambientais através da pesquisa. Um estudo sobre percepção ambiental pode fornecer subsídios consideráveis para ser utilizados como ferramenta para a Educação e Gestão Ambiental e é neste sentido que foi pensado o trabalho Percepção Ambiental na Serra do Tapirapuã em Tangará da Serra – MT, parte integrante da pesquisa: *Percepção Ambiental na Serra do Tapirapuã - Tangará da Serra - MT*, executada em cumprimento ao Mestrado em Ciências Ambientais, na Universidade do Estado de Mato Grosso, na linha de pesquisa em Educação Ambiental. Foi executado a partir da opção metodológica da pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica, utilizando os instrumentos de estudo de caso.

1.1. Percepção Ambiental

Parte-se do pressuposto de que na abordagem da percepção ambiental, perceber é adquirir conhecimentos pelos órgãos dos sentidos, ou seja, compreender. Neste caso pode-se afirmar então, que percepção é um processo que se inicia pelos órgãos do sentido e, a partir de então, a compreensão do que se vê, se ouve, se sente, se cheira, enfim interage.

O processo de percepção antecede a atribuição de significado que obviamente refere-se a algo maior do que simplesmente o sujeito e o objeto, é algo macro (a soma do todo é maior que a soma das partes), aí estão embutidos seus valores culturais, sociais e econômicos.

Para Tuan (1980) percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Como afirma Merleu-Ponty (1971) seu presente não apaga seu passado, seu futuro não apagará seu presente. Para ele, fenomenologia é entrar num universo de seres que se mostram, e não se mostrariam se não pudessem se esconder uns atrás dos outros, ou atrás de si mesmos.

O ser humano difere na maneira de perceber, sentir e agir em conseqüência de suas leituras de mundo e vivências. Tuan (1980) relata que duas pessoas não vêem a

mesma realidade, entretanto todos os seres humanos compartilham percepções comuns, em virtude de possuírem órgãos similares.

Não basta um único sentido para acontecer a percepção ambiental, eles são complementares. Tuan (1980) afirma que cada sentido reforça o outro, de modo que, juntos, esclarecem a estrutura e a substância do edifício todo, revelando o seu caráter essencial.

O termo topofilia foi criado por Tuan (1980) que o define como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, segundo ele é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. A resposta do meio ambiente pode ser estética, tátil, ligada ao ambiente do lar ou com o meio de ganhar a vida.

Para a abordagem fenomenológica percepção é a inter relação entre o sujeito com o mundo. A percepção é também atividade proposital, principalmente a que tem valor para nós, conforme Tuan (1980), ainda relata: *“Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências”*.

Neste sentido, buscar a percepção ambiental dos parceiros da pesquisa, da comunidade local, de como eles se relacionam entre si e com o meio, suas demandas e expectativas, seus sentidos e significados, torna-se um importante subsídio para implementar ações de Educação Ambiental.

2. O LÓCUS DE ESTUDO: BREVE CARACTERIZAÇÃO DA SERRA DO TAPIRAPUÃ

A importância da Serra do Tapirapuã, tanto em relação aos aspectos biológicos, geográficos e históricos para a região infelizmente não se traduzem em fartos registros escritos. Há uma grande dificuldade em acessar literatura, documentos e pesquisas a respeito desse espaço.

A Serra do Tapirapuã, limite entre os municípios de Tangará da Serra e Nova Olímpia, possui uma extensão totalizando 307 Km, a rodovia MT 240, corta-a em seu extremo leste e a rodovia MT 339, corta-a em seu extremo oeste. O espaço delimitado para esta pesquisa é o localizado às proximidades da rodovia MT 358, acesso a Tangará da Serra e parte de seu topo, junto ao Mirante Camping e Lazer. Seus principais rios são: Rio Diamantino, Ribeirão Quebra Cancela, Rio Santana, Ribeirão Areias, Rio dos Bugres, Rio Branco e Rio Tarumã.

Segundo Fabris (2001) o Planalto do Tapirapuã faz parte do segmento dissecado do Planalto dos Parecis, localiza-se a Sul/Sudeste da Chapada do

Parecis, com altitudes em torno de 450m corresponde ao nível intermediário entre a Chapada e a Depressão do Alto Paraguai..

Os sedimentos que preenchem esta bacia, em sua maior parte, são considerados como paleozóicos e, secundariamente mesozóicos e cenozóicos. Inclui também diques e derrames de basalto, a exemplo da Formação Tapirapuã e com idade de 197 Ma. (MONTES-LAUAR, 1994 *apud* WESKA, 2006).

A maioria de sua fauna, associada à vegetação, parte das áreas baixas até o planalto em busca de alimentação, servindo também de refúgio da fauna, principalmente devido às queimadas dos grandes canaviais próximos a ela. Nas imediações da Serra, espaço delimitado para a pesquisa, atualmente está loteada por pecuaristas, agricultores e empresários de turismo.

Conforme determina a Lei N. 4.771, de 15 de setembro de 1965, alterada pela Lei N. 7.803, de 18 de julho de 1989 e regulamentada através da Resolução N. 303, de 20 de março de 2002 do CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente a Serra de Tapirapuã é considerada uma Área de Preservação Permanente - APP, entretanto, não foi localizada nenhuma documentação quer seja municipal, estadual ou federal que desse conta da proteção ambiental prevista em lei. Já possui uma grande área devastada, inclusive com desmatamentos, propriedades rurais (pecuária, suinocultura, plantio de cana de açúcar, entre outros).

O Mirante Camping e Lazer, propriedade particular, localizado no Topo da Serra do Tapirapuã não é oficialmente uma APP, encontra-se em processo inicial para transformar em RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural)

No caso do Mirante Camping e Lazer, a área anteriormente era ocupada por uma fazenda agropecuária com plantação de arroz e criação de gado bovino. Os atuais proprietários com intuito de estabelecer uma empresa de eco-turismo, sem grandes recursos, adquiriram a área e através de pesquisa marginal e solitária, buscaram a recuperação da área, onde plantaram árvores nativas.

Todo o planalto do Tapirapuã até o Parecis inicialmente era ocupado pelo povo Paresi, conforme consta em relatórios de viagens do final do século IX, em 1897, quando da expedição de Pe. Baldariotti. Segundo ele, os índios Paresi habitavam o vasto território que limitava ao sul com a Serra do Tapirapuã e a nação dos Barbados, ao leste com o município de Diamantino e a Bacia do Rio Arinos, ao norte com o território dos Tapanhums e a oeste com o Rio Juruena e o território dos Cabaças.

Segundo Oliveira (2004) *“O planalto de Tapirapuã era ocupado por índios de língua Aruak, que, a partir do século XVIII, passaram a ser conhecidos como Paresi. Eles se denominam Halíti e suas relações com não índios remetem ao ano de 1553.”*

Oliveira (2004), em sua obra destaca relato do índio João Garimpeiro:

História nossa é assim, porque antes nós tem contato... então esses primeiros brancos que passavam aqui, esses soldados que você fala, gente fala bandeirante, então naquele tempo, pegava índio, matava índio. Acampava ali no 50, os velhos contam. Então ali no 50, 50 aquele é o nome da serra de Tangará, então ali eles caçam índio, laçava índio e levava ali no Tapirapuã, Cáceres, outras cidades, e índio Paresí arribava e morria tudo, nunca chegava até lá...

Atualmente o povo Paresi, segundo dados do município, ocupam 53% da área total do município, em quatro reservas indígenas. A área total do município é de 1.210.000 ha., destes, 516.000 ha. são terras indígenas demarcadas.

Os primeiros migrantes ou pioneiros que vieram a se estabelecer na região de Tangará da Serra datam de 1959. Os relatos dos informantes destacam a grandiosidade e o desafio que era transpô-la, pois a chegada ao topo e, conseqüentemente, a Tangará da Serra era considerado a conquista de um grande prêmio.

Um entrevistado recorda: "Lembro, lembro da primeira vez que subimos a pé mesmo! Porque ônibus não deu prá subir. Foi uma luta assim, constante! E aquela vontade de subir aquele desejo de ver, o outro lado, assim acima da serra, né? (...) Foi emocionante."

A Rodovia MT 358 foi pavimentada em 1982, apenas 24 anos depois, tempo considerado curto dentro do contexto da região, que se tornou com a segunda leva de migrantes um importante pólo agrícola. Com a mecanização da agricultura e o grande aumento de produção e, conseqüentemente, necessidade de escoamento da produção, o que gerou um aumento considerável de veículos pesados, a Serra do Tapirapuã tornou-se um local de constantes acidentes.

Registra-se o fato dos graves impactos ambientais que isso ocasionou para toda a região, o que, com certeza, acarretará ainda problemas maiores num futuro próximo para todos.

Em função do tráfego intenso, fez-se necessária a duplicação da rodovia no trecho da Serra, fato que de novo foi fruto de grande polêmica, inclusive, com demandas judiciais amplamente noticiados pela imprensa.

Em 02/08/2001, o Jornal Diário da Serra, noticiou:

Obras de duplicação da pista na serra terminam em 60 dias: Até o início de outubro estarão concluídos os trabalhos de duplicação da pista da Serra de Tapirapuã, entre Tangará e Nova Olímpia, segundo informou o deputado estadual Chiquinho Dantas Garcia, do PSDB. (...) As obras de duplicação da pista da MT-358 na Serra de Tapirapuã chegaram a ser embargadas por

irregularidades cometidas pela empreiteira Triunfo, responsável pelos trabalhos. Entre as irregularidades estavam as ausências das licenças ambiental e de operação (...). Além da duplicação da pista, as obras incluem trabalhos urbanísticos junto à Pedra Solteira.

O jornal Diário de Cuiabá já havia destacado no dia 1º/12/2000:

MT-358 está sendo duplicada sem licença ambiental: As obras de duplicação do trecho da MT-358 na Serra de Tapirapuã, entre Tangará da Serra e Nova Olímpia, foram embargadas por falta de licença ambiental e estudo de impacto ao meio ambiente. (...) De acordo com a notificação apresentada pela Fema aos engenheiros responsáveis pela obra, a empreiteira está realizando desmatamento irregular no local, além de explosões de rochas, com o uso de dinamite, sem a devida autorização. Na realidade, as obras iniciaram mesmo sem as licenças e autorizações ambientais.

A tentativa de explosão das rochas de que trata a reportagem se deu justamente com a Pedra Solteira, que é reverenciada pela população de Tangará da Serra, inclusive destacada no Hino de Tangará. A empreiteira tinha o propósito de dinamitar a pedra para facilitar a duplicação da rodovia, decisão que teve de abortar, apesar de já ter feito algumas perfurações e colocação de dinamites. Além do embargo da obra, grupos se deslocaram até a Serra para protestar, com apoio político e também da imprensa local.

Um dos entrevistados viveu esse momento e conta o episódio:

Porque quando foi pra se duplicar a pista da então os primeiros trabalhos ali da equipe de engenharia, era da explosão da pedra solteira pra poder fazer as duas pistas com tranquilidade e tal, nós ficamos sabendo eles já estavam perfurando a pedra já estavam fazendo o buraco com maçaricos e equipamentos pra introduzir nela as bananas de dinamite para fazer a explosão. (...) Isso, nós descemos eu mais algumas pessoas, e fomos ali para discutir, discutimos com funcionário da empreiteira com técnicos na época do DVOP, e dissemos que em hipótese alguma nós íamos permitir que nem do ponto de vista legal nem moral, era possível e até na questão ambiental mesmo, tanto é que depois houve até uma inserção na obra, eles tiveram que regularizar, a questão do impacto ambiental, o próprio Tuim teria feito uma ação também em função dos impactos ambientais ali na estrada, teve gente que interpretou de forma negativa, pois interpretou no ponto de vista econômico da empresa dele, mas de uma forma ou de outra aquele movimento nos deu a oportunidade de estar preservando também a pedra solteira, porque aí eles refizeram os estudos de forma a não afetar ela, talvez tenha mexido um pouquinho na periferia ali, mas a pedra em si foi preservada. O asfalto passou bem pertinho dela né?

Enfim, a rodovia que corta a Serra do Tapirapuã e toda sua magnitude foi duplicada, porém a Pedra Solteira, marco do povo tangaraense, foi conservada, obviamente sofrendo alguns abalos, principalmente em sua base que foi desbastada, diminuída. Vale ressaltar que o projeto urbanístico prometido não foi cumprido.

A Figura 1 mostra a Pedra Solteira, vista descendo a Serra do Tapirapuã pela Rodovia MT 358. Pode-se observar seu tamanho verificando a proporção com o tamanho da pessoa fotografada próxima a sua base.

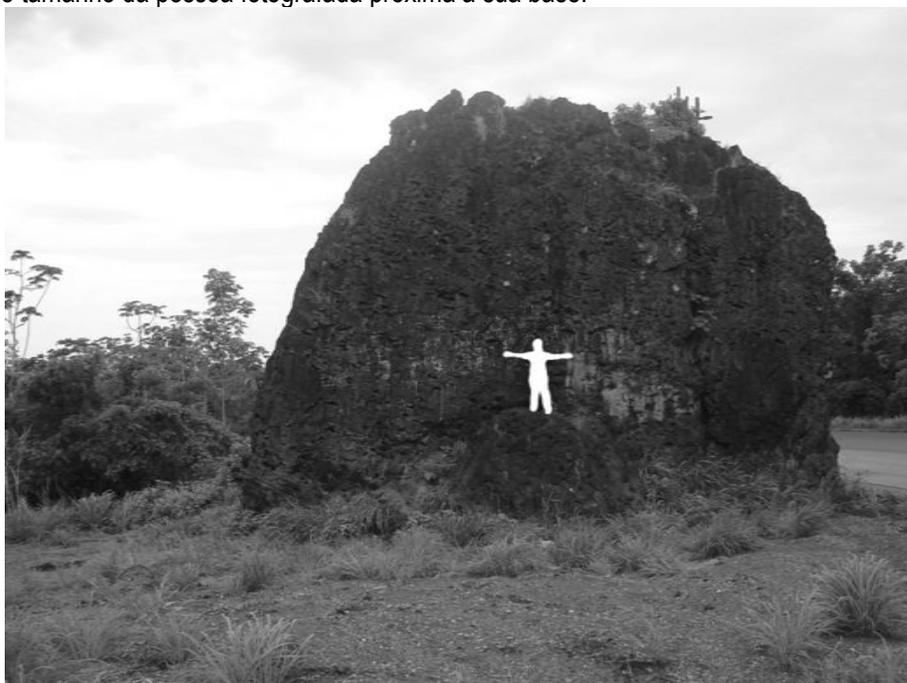


Figura 1 - Pedra Solteira – Rodovia MT 358 - Foto: Alpiniano Galvão – 10/05/2007

Apesar do significado da Serra do Tapirapuã para Tangará da Serra, as discussões ambientais que a permeiam não fazem parte do cotidiano do povo, das pesquisas acadêmicas e tampouco dos gestores públicos.

Há poucas informações e o acesso a elas é difícil, fato que carece de amplas pesquisas e registros e de socialização dessas informações, o que pode e deve ser feito também através da Educação Ambiental.

O primeiro registro literário que trata da Serra do Tapirapuã que se tem notícia é do livro *Exploração no Norte de Mato Grosso*, de Padre Nicoláo Badariotti. Trata-se dos apontamentos de história natural, etnografia, geografia e impressões

colhidas durante uma expedição realizada na região do Alto Paraguai e Planalto do Parecis, no final do século IX, mais precisamente em 1897.

Em seu relato Badariotti (1898) cita que após sair de uma mata, a vê, majestosa, como por encanto, a Serra do Tapirapuã. Diz ainda que é como um imenso degrau. Afirma que vista do Sul forma um planalto que se inclina suavemente para o norte formando duas vertentes: a do oeste que dá origem ao Rio Sepotuba e a do leste que forma o rio São Francisco, afluentes do Rio Paraguai e que, portanto, torna a Serra de Tapirapuã pertencente à Bacia do Paraguai. Transcreve-se abaixo, com ortografia original o relato de impressões da escalada da Serra do Tapirapuã, feita por Badariotti (1898):

Atravessada uma planície comecei a subir por um declívio de 45° tendo que abrir com a faca o caminho em espessa matta. Pouco depois, o monte ergueu-se mais empinado mas a subida tornava-se mais fácil por ser a matta praticável. O terreno allí pareceu-me fertilíssimo de abundante ferro e talvez próprio para a cultura de café. Ajudando-me com as mãos tive que dar escalada ao monte por entre rochedos alcantilados chegando afinal ao cume donde, olhando para o sul, descortinava-se à minha vista um valle soberbo regado pelo Argelim, Acurizal e o Branco afluentes do Paraguay. Mais ao longe, em direcção do Sud-este erguiam-se da escura matta umas columnas de fumaça, provavelmente indício de acampamentos de Barbados. Atravez da atmospheria um tanto carregada de vapores humidos azulava no extremo horizonte a serra das Araras. Pela primeira vez senti o estímulo da saudade pela civilização de que me afastava, para um sertão mysterioso. Nos troncos carcomidos do alto do Tupirapuam, era pouco tempo, pude fazer uma boa coleção de coleópteros, especialmente de Mallodon, chrysomelas e geotrupes, analoges aos dos Estados do Rio e de S. Paulo. Segui um Kilometro para o Norte a ao sahir do bosque uma vista estupenda descortinou-se diante dos meus olhos. Um campo immenso, depois uma vasta floresta e ao longe uma facha azul uniforme que á primeira vista pareceu-me um mar: era pelo contrário a Serra dos Parecis! Nem um pico encimava aquella serra, a facha azul não era interrompida senão por um córte profundo, uma garganta na direcção do Oeste. Como o dia começasse a declinar, resolvi regressar, ateei fogo ao campo de sapé para que a fumaça elevando-se ao ceu testemunhasse á gente da comitiva o ter eu galgado o monte, cousa do que antes todos duvidavam, como se fosse impossivel. Quasi no cume da montanha um immenso rochedo deixa sahir de suas fendas um rio de agua frigidissima; allí nasce o rio Angelim. Movido pela curiosidade, puz-me a descer de pedra em pedra acompanhando o regato, que exíguo no principio precipita-se em saltos, engrossa a olhos vistos recebendo pequenos tributários. Embora aquella viagem fosse para mim perigosa por ter que vencer verdadeiros abysmos, descer por penedos alcantilados pendurando-me a lianas, deslizar como lagarto por lages inclinadas, achei aquelles lugares simplesmente grandiosos. Um sem numero de grutas, verdadeiras salas subterraneas, poços profundos em que sumia o

corrego para reaparecer mais longe, tudo alli despertava a imaginação. Em um ponto, ao chegar proximo a um tanque profundo rodeado de pedras, ouvi um rumor estranho semelhante ao que se produz em uma porção de panellas cahindo no chão: eram umas sessenta tartarugas que pela primeira vez perturbadas n'aquella pacifica solidão, assustadas deslisavam pelo rochedo para o tanque em cuja profundeza sumiam descrevendo espiraes. Depois de muitas fadigas e atrozmente maltratado pelos borrachudos, voltei ao acampamento trazendo o principal resultado da minha viagem, isto é o calculo da altura de Tupirapum que no ponto medido regula pelos 680 metros acima do nível do mar, tendo porem a duas léguas a Oeste picos de mais de 1000 metros.

Badariotti (1898) ainda tece comentários admirados por encontrar a elevação naquele lugar, uma vez que Cuiabá fica a pouco mais de 200 metros acima do nível do mar.

Com relação à fauna, diz que ao fazer a marcha de subida da serra, juntamente com os demais companheiros de expedição, viram um grande número de rastros de anta e que ao seguirem os rastros por uns cem metros, depararam – se com um enorme barreiro, batido como um curral e aparentemente seria o “*Rendez-vous*” diário das antas, dos porcos do mato e até de onças, que acreditavam que esses animais considerassem aquele viveiro como sua propriedade. Segundo ele, foi nesse momento que compreendeu o porque do nome “Tupirapum”, que quer dizer região das antas. “*Admirando o bello horrível d’aquelles sitios chegáramos afinal próximos ao cume da montanha donde corria um regato de águas cristalinas, e alli acampamos debaixo de árvores gigantescas*”.

A Serra do Tapirapuã e seus aspectos bióticos e abióticos têm o destaque de um capítulo inteiro no relatório dessa expedição, ressaltando, é claro, que se trata de impressões do final do século XIX.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. A Seleção dos Informantes

Quando da elaboração do projeto, ficou definido que seriam selecionados como informantes duas categorias, sendo uma delas as que aqui são tratadas como primeiros migrantes (PM) e as que subiram a Serra antes de 1976, e outra categorização as pessoas que atualmente visitam a Serra Tapirapuã ou mais precisamente o seu topo onde se localiza o Mirante Camping e Lazer.

Para as entrevistas com os primeiros migrantes, contou-se com os dados já coletados pelo NUDHEO - Núcleo de Documentação Histórica, Escrita e Oral, da UNEMAT – Campus Tangará da Serra. Primeiramente, selecionaram-se 30 famílias que chegaram a Tangará da Serra antes de 1982, data do asfaltamento da Rodovia MT 358, mais precisamente da Serra de Tapirapuã. Essas 30 famílias foram convidadas para o encerramento de um evento conjunto com o NUDHEO, onde o projeto do presente trabalho foi apresentado, com vistas à sensibilização e motivação para as entrevistas. Foi informado que alguns seriam procurados para entrevistas gravadas e para tanto foi solicitado à cooperação de todos. Na elaboração da referida apresentação foram seguidas as orientações de Bogdan & Biklen (1994) antevendo as possíveis perguntas e dúvidas que poderiam ocorrer. As principais dúvidas sanadas naquele momento foram as abaixo descritas, estabelecidas segundo os referidos autores.

O que é que vai fazer exatamente? Irá causar perturbação? O que é que vai fazer com os resultados? Por que nós? Quais são os benefícios do estudo?

No segundo momento foi feita uma nova seleção, incluindo somente as famílias que chegaram antes de 1976, ano da emancipação do município. Para a efetivação das entrevistas, procurou-se a pessoa mais idosa da família, porém se estivesse muito doente então o descendente mais próximo seria o selecionado. Outro critério utilizado para a seleção foi a de garantir que ocorressem entrevistas com pessoas que subiram a serra criança, jovem e adulta e também do sexo feminino e masculino, com vistas a uma possibilidade de generalização.

Não ocorreram dificuldades nas entrevistas e inclusive o acesso foi facilitado por ser a pesquisadora moradora antiga da cidade e também uma figura pública.

A literatura registra caso semelhante como em Smith e Geoffrey (1968) *apud* Bogdan & Biklen (1994):

Um investigador relatou que a sua aceitação, por parte dos professores da escola que observou, foi facilitada, em grande parte, pela sua reputação de pessoa em quem se podia confiar; apesar de não terem a certeza do que ele pretendia fazer ou fazia, “pelo menos não era mexeriqueiro”.

Dos 12 entrevistados dessa categoria (PM), oito são do sexo masculino e quatro do sexo feminino. As idades variam entre o mais jovem com 49 anos e o mais idoso com 84 anos. Essas pessoas chegaram a Tangará da Serra com diferentes idades, crianças, jovens e adultos, sendo o mais novo aos sete anos e o mais idoso aos 45 anos.

Por outro lado a seleção para as entrevistas com os visitantes atuais do Mirante teve menor planejamento antecipado, pois dependia mais de quem seria encontrado nas visitas feitas especialmente para esse fim, quando então estava com os equipamentos necessários, gravador de áudio e fitas. Para esse trabalho, houve a preocupação de não fazer todas as entrevistas no dia, mesmo que houvesse no local cerca de 200 pessoas, pois entendeu-se que estavam todos em um mesmo contexto.

Em diversos diálogos com a proprietária do Mirante buscou-se verificar pessoas que freqüentam o Mirante com certa freqüência para a prática de esportes radicais e também por motivo de trabalho, como é o caso do instrutor entrevistado. Outras pessoas foram entrevistadas aleatoriamente. Nessa categoria foram entrevistadas quatro pessoas do sexo masculino e cinco do sexo feminino, cujas idades variam de 14 a 38 anos.

3.2. As Técnicas de Coleta de Dados

A principal fonte de informações foram as entrevistas semi-estruturadas e em profundidade, elaboradas a partir da perspectiva do objeto a ser pesquisado, a percepção ambiental. Essas entrevistas foram gravadas em áudio com duração de 20 a 60 minutos, conforme o nível e profundidade de informações disponíveis e posteriormente transcritas. É importante lembrar que foram dadas as devidas autorizações para a pesquisa e a publicação dos dados (consentimento prévio).

Entende-se entrevista em profundidade como não-estruturada, aberta, não-diretiva ou estrutura flexível, ou ainda história de vida (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

No Quadro 01 apresenta-se o roteiro de entrevista semi estruturada, realizada em profundidade, com a categoria dos primeiros migrantes.

Quadro 1 - Roteiro de Entrevista – Categoria Primeiros Migrantes

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Nome:
3. Idade:
4. Estado Civil: () Casado () Solteiro () Divorciado () Separado () Viúvo
5. Grau de Instrução: () Não Estudou () Ens. Fund. Inc.
() Ens. Fund. Comp. () Ens. Médio () Superior
6. Em que mês e ano chegou a Tangará da Serra?
7. Como foi a subida da Serra Tapirapuã?
8. Quanto tempo levou para subir a serra?
9. Quais as plantas que lembra ter visto?
10. Que animais lembra ter visto?
11. Como era a temperatura na subida da serra?
12. O que mais você gostou na serra?
13. O que menos gostou?
14. Você tem ido a serra atualmente?
15. O que tem visto de diferente do que era?
16. O que você entende por educação ambiental?
17. Se pudesse ser feito algo pela Serra Tapirapuã, o que você sugeriria?

Para a categoria de visitantes atuais, foi elaborado um novo roteiro, (Quadro 2) para buscar informações específicas desses novos parceiros, também através de entrevista semi-estruturada e também realizadas em profundidade.

Quadro 2 - Roteiro de Entrevista – Categoria Visitantes Atuais

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Nome:
3. Idade:
4. Estado Civil: () Casado () Solteiro () Divorciado () Separado () Viúvo
5. Grau de Instrução: () Não Estudou () Ens. Fund.Inc. () Ens. Fund. Comp. () Ens. Médio () Superior
6. Onde você mora?
7. Se em Tangará em que mês e ano chegou?
8. Que impressão você teve quando viu a serra pela primeira vez?
9. Como foi a subida da serra?
10. Como você “redescobriu” a serra?
11. Qual o motivo que te traz aqui?
12. Você conhece outros freqüentadores deste local?
13. Você sabe o que é feito com o lixo produzido pelos freqüentadores?
14. Que plantas tem visto que você conhece?
15. Você tem visto animais? Quais?
16. O que você entende por educação ambiental?
17. Se pudesse ser feito algo pela Serra Tapirapuã, o que você sugeriria?

Nessa etapa, preocupou-se também com os aspectos éticos, coerentes com a proposta inicial dessa pesquisa e legais para evitar incidentes futuros na divulgação desse trabalho e buscou-se a devida autorização dos parceiros da pesquisa e também dos proprietários do Mirante.

A partir das entrevistas, novas informações e documentos foram revelados, como legislação, poemas, notícias em jornais, os quais buscaram-se manusear e analisar. É importante ressaltar que apesar da Serra do Tapirapuã ser uma Área de Preservação Permanente, há uma grande dificuldade de encontrar registros sobre ela na SEMA e órgãos públicos locais.

A observação *in loco* se deu em diversos momentos, alguns apenas para estimular os sentidos, outros com mais rigor para verificar possíveis danos ambientais, acompanhada por uma equipe multidisciplinar para uma trilha a fim de conhecer aspectos bióticos e abióticos desse espaço e propor um trabalho de gestão.

3.3. Documentação Icnográfica

Durante todo o processo, houve uma preocupação constante com o registro fotográfico do espaço, entretanto, não localizamos registros fotográficos antigos da Serra, mesmo em órgãos oficiais. Os entrevistados, apesar dos registros da Serra ainda vivos na memória, não possuem fotos.

3.4. Atividade Complementar

No decorrer do trabalho, mostrou ser necessário complementar as informações sobre a Serra do Tapirapuã através de atividades concretas, uma vez que o material teórico encontrado foi julgado insuficiente conforme estabelecido em seus objetivos. Neste sentido, foi realizada uma visita geral no Mirante Camping e Lazer e o percurso de uma trilha de cerca de 1500 metros, onde estavam presentes a pesquisadora (pedagoga) e duas biólogas. Quando da observação geral do mirante, foi estabelecido, também, juntamente com dois acadêmicos de Agronomia, três áreas para análise de solo.

4. A SERRA DO TAPIRAPUÃ NA PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal, TUAN (1980). É justamente essa experiência concreta que se procura demonstrar nos resultados alcançados no decorrer deste trabalho.

É importante destacar aqui, inicialmente, as duas categorias de entrevistados, os primeiros migrantes e os visitantes atuais do mirante, partindo do pressuposto de que a percepção dos dois grupos poderia ser diferente em virtude das mudanças ocorridas na Serra.

A Serra do Tapirapuã, limite entre os municípios de Tangará da Serra e Nova Olímpia é tão importante para a comunidade de Tangará da Serra, que inclusive foi palco de demandas políticas para garantir sua posse, conforme demonstra o relato de um entrevistado, abaixo transcrito:

(...) e nós fomos atrás dele e então ele elaborou um projeto que repistinou a lei de 1976, quer dizer Nova Olímpia teve que parar com aquela conversa de dizer que subiu a serra. Mas nós tivemos um episódio interessante em 1996, que foi 1994, de 1993 a 1996 era o Saturnino, durante esse tempo eu fui presidente da câmara, e então em 1994 o prefeito de Nova Olímpia, o João Gregório, se reuniu com os vereadores de lá os secretários municipais de Nova Olímpia e algumas

peessoas influentes na comunidade, inclusive na usina Itamarati e marcaram uma audiência e subiram a serra, marcaram uma audiência com o prefeito na época Saturnino, e eu tava na câmara e recebi uma ligação do Saturnino que eu fosse até o gabinete dele que ele tinha um assunto importante para ser discutido e eu fui pra lá, e quando eu cheguei lá nós estávamos sendo comunicado, pelo prefeito de Nova Olímpia, pelos secretários e vereadores de que eles iriam cadastrar os imóveis em Tangará, as casas comerciais, os imóveis, que eles já iam começar a tributar como Nova Olímpia e que iriam colocar placas de divisas aqui em cima da serra. Quando eles avisaram isso, eu olhei! E o Saturnino começou cordial e pacato (risos) eu também sou uma pessoa cordial e pacato, mas eu vi a reação do Saturnino, pacato tranqüilo, na hora eu então falei “gente do céu”, nós dois somos muito cordiais, mas alguém tem que reagir, já que o Saturnino não está reagindo vou reagir eu, (riso) fiquei muito nervoso na hora eu falei “olha não cometam essa arbitrariedade, por que a serra é a nossa divisa, nunca fomos consultado a respeito dessa mudança, o povo de Tangará não participou, não aceita isso, e nós vamos reagir, não vai ser algo tranqüilo vocês podem ter certeza que cada placa que vocês puserem aqui em cima nós vamos derrubar, não experimentai, porque se vocês experimentarem nós vamos reagir da forma que for necessário, se a subida de vocês for violenta, a nossa reação vai ser violenta, se for tranqüilamente só colocando placa, nós vamos reagir tranqüilamente só derrubando placa e vamos informar aos nossos habitantes de Tangará que vocês estão tentando fazer isso e que não é para aceitar em hipótese alguma, não vão fornecer informações, não vão recebê-los e nós vamos entrar com as medidas judiciais cabíveis, nós vamos nos defender também com violência se for necessário se vocês usarem de violência na subida.(riso) e encerraram por ai essa conversa e eles perceberam que a nossa reação era pela defesa do nosso patrimônio e depois nós fomos consertando devagarzinho, na lei consertou no IBGE, na contagem da população, e nas matas e acabou solucionando.”

De uma maneira geral, a categoria de primeiros migrantes apontou a Serra do Tapirapuã como um espaço de aventura, selvagem, desafiador, poderoso e ao mesmo tempo de beleza incomparável, sendo esta um símbolo grandioso, fazendo assim uma analogia à grandiosidade de seu povo.

Como afirma Tuan (1980), um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo.

Uma outra informante comenta sobre a Serra, suas lembranças de infância, percebidas através da audição:

Quando a gente ia se aproximando da serra, que a gente era muito meninona. Você sentia assim: “a coisa ruim no ouvido” (risos) aí a gente já sabia: tá chegando a serra, aquela coisa ruim no ouvido. E aí a gente punha a cabeça assim, ai, eu me lembro, a gente punha a cabeça no ônibus assim, pra gente ver a curva né? Pra gente senti a curva.

A natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem a mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas (TUAN, 1980).

Essa mesma informante continua relatando que o que mais chamava a atenção era a Pedra Solteira, todo mundo queria vê-la, ninguém podia deixar Tangará da Serra sem parar para observá-la: “*Muito verde muito lindo! As árvores eram muito lindas! A Serra era muito linda!*”

Em seguida, ao ser perguntado se tem notado diferença atualmente na Serra, agora na idade adulta, afirma que passa atualmente por lá só que estava meio desligada, e que depois da reunião na Unemat (refere-se à reunião que o projeto para essa pesquisa foi apresentado), começou a prestar mais atenção e percebeu como que a Serra está feia, incluindo a Pedra Solteira que está sem vegetação em seu entorno. Propõe que os pioneiros façam um trabalho de plantar mais árvores ao redor dela, pois é um marco, além de ser um ponto turístico que muitos visitantes ao passarem pela rodovia, param para fotografá-la. Sugere ainda que a espécie a ser plantada seja o Ipê.

Neste caso, percebe-se que, por ter usufruído de tantas belezas naturais, sente-se responsável agora em devolver à Serra, pelo menos parte de seu aspecto.

O Ipê, planta nativa da região por meio da Lei Municipal N°. 2.738 de 08 de agosto de 2007, foi declarada como símbolo de preservação do meio ambiente do município de Tangará da Serra e as árvores denominadas IPÊS localizadas nas Avenidas Brasil, Avenida Tancredo Neves, Avenida Ismael do Nascimento e Avenida Nilo Torres foram declaradas de preservação, inclusive, com proibição de cortes. Ainda foi instituído o dia 13 de agosto como data para comemoração do dia da Árvore Ipê, e que nessa data, serão homenageadas as pessoas que contribuíram para a preservação do meio ambiente no município.

A topofilia se faz presente sob diferentes formas, para um informante que conheceu a Serra aos 26 anos de idade, a percepção do desafio físico foi determinante:

... nós chegamos a serra, tivemos que parar, pois o caminhão tinha o chassi longo, para e corta o barro, uma árvore assim, o caminhão não passava lá, sempre acontecia. Tinha muita dificuldade para subir, porque além de tudo, tava chovendo muito nessa época. Chuva, chuva...

subimos propriamente bem em poucas horas, subimos a serra, né? Mas daí não era sempre assim. Quando chovia muitas vezes, nós descendo, nós atolava. ... quando chove ali na pedra solteira, era meio baixada numa curva, tinha uma figueira muito grossa, a variedade da flora né? Tinha uma figueira muito grossa, na beira da estrada, ela mantinha aquilo ali com muita sombra. ... o caminhão sempre atolava, descendo né? A gente chegava até ali depois que cansava ia dormir até o outro dia.

Resultado semelhante é relatado em Tuan (1980), da viagem de McGovern ao Tibet, que para ele, enfrentar o desafio físico significou muito mais do que desfrutar do cenário.

De forma, espontânea, o mesmo informante relata que naquela época fez muitos desmatamentos, inclusive e principalmente às margens dos rios e córregos, mas que no pequeno sítio que possui atualmente, com o conhecimento atual, não permite desmatamentos e zela pelas nascentes.

Outra informante, hoje com 79 anos, subiu pela primeira vez a Serra com 35 anos. Ela também relata que teve que subir a Serra a pé, não deu para o caminhão de mudança subir com todos em cima, nem era uma estrada de fato. O caminhão subiu só com o motorista. Apesar de não se lembrar do tempo que levaram para a subida, recorda-se de que sentiam muita sede e não achavam água e que tinha muitos mosquitinhos e muitas abelhinhas que pegavam no olho. A sensação, instrumento da percepção, se comunica o tempo todo com os outros sentidos corporais, com os sentidos recordados pela mente no momento da experiência, passando ainda pela atenção e juízo de idéias, tornando o homem um ser ao mesmo tempo jogado” no mundo e ativo nesse (DUARTE, 2006).

É importante ressaltar que a maioria dos entrevistados lembra-se da sensação de sede, porém, alguns destacam como relevante uma mina d'água que existia na Serra, próxima ao topo:

Eu me lembro com alegria e com tristeza, de saber como foi é ... destruída, uma bica de água limpa e potável que tinha na serra, né? Eles punham um bambu embaixo da ... da bica d'água, né? O bambu caía aquela água potável, muito bonita! Que hoje não tem mais. Se tiver é muito pouquinho. E isso me marcava muito. Os caminhoneiros, eles paravam lá para pegar água. Era uma água limpa e um detalhe: fresquinha, geladinha! Por que elas vinham das pedras, né? Então isso me marca muito, nós e todas as pessoas que passam por ali. Antigamente pegava água ali da serra.

Era uma mina d'água. Era logo no descer da serra, no lado esquerdo, ela jorrava do barranco e descia. Inclusive tinha um cara que veio comprar café, ele tinha problema e tinha que tomar água tratada, toda semana ele descia e ia buscar com as vasilhas, ele ia buscar a água para ele tomar,

que era muito boa a água. Se via que ela era uma água pura, só que depois que passou o asfalto, sumiu aquela água.

Os relatos trazem um dualismo de sentimentos, um misto de profunda alegria pelas belezas estéticas e orgulho pelo desafio vencido e por outro lado ainda um resquício de lamento pelas dificuldades enfrentadas. Semelhante a esse dualismo na percepção, Tuan (1980) traça um paralelo entre dois escritores, Cotton Mather e William Bird e relata que enquanto Mather viu o selvagem através de lentes teológicas lúgubres, Bird o via através de lentes coloridas de romantismo, que nessa época começava a ser popular. Os pioneiros apreciavam o selvagem; era um obstáculo a ser vencido para se ganhar a vida e era uma ameaça constante na sobrevivência.

Duarte (2006) em seu trabalho, analisando a obra de Merleau-Ponty, comenta que nossa percepção não é cotidiana, é uma percepção das percepções e irmos ao mundo via percepção não é uma decisão pessoal, não é uma escolha. Embora esteja presente toda a comunicação de sentidos que trabalha com todas as nossas impressões e expressões, a percepção vai se posicionando diante de nossa vivência e essa vai fazendo a junção das minhas percepções. Da mesma forma que ela engloba o *outro* e o coloca como algo para o qual eu dou uma atenção especial, através das minhas escolhas, a percepção do *outro* me contém.

Fatores como os atoleiros, a mina d'água, os mamoeiros, a sombra da figueira, a Pedra Solteira, fizeram da Serra do Tapirapuã, na percepção dos primeiros migrantes, um inusitado ponto de encontro antes da chegada a Tangará da Serra.

Uma informante atualmente com 81 anos, chegou a Tangará da Serra, em 1962, com 39 anos, com esposo e filhos. Conta que estava muito apreensiva antes de chegar a Serra porque para atravessar o rio em Barra do Bugres com a mudança na balsa, tiveram que descarregar o caminhão e fazer a travessia em duas viagens, pois estava muito pesado, tinha uma expectativa negativa com a chegada da Serra, talvez até com possibilidade de retornar ao Paraná. Entretanto, encontraram na Serra o senhor Bento Muniz, que era vereador (Tangará era distrito de Barra do Bugres) e relata:

Tava lá, ele era vereador. "Vamos pra Tangará", aí disseram que a estrada tava muito ruim, mas o vereador nos convenceu de vir e no caminho nós encontramos o Tanaka, aí eu fiquei contente, contente (risos). Aí seu Hortollani disse: "Tem casinha lá na Serraria do Joaquim Aderaldo", chega lá já tinha alugado, Aí nós fomos morar no barraco de lona.

Tuan (1980) afirma que mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida: “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”.

Na análise dos resultados de percepção ambiental, em relação à Serra do Tapirapuã, realizados com a segunda categoria de informantes que foram selecionados entre os visitantes atuais do Mirante Camping e Lazer, de uma maneira geral, expressaram-se em relação à mesma com os seguintes sentidos: exuberância, cheiro bom, tranquilidade, espetáculo, natureza, empreendimento, paisagem, esporte, aventura, entre outros.

Percebe-se, também, impregnados nos relatos, exemplos claros de topofilia, de uma forma diferente, como um resgate do não vivido, mas da mesma forma, significativo apelo emocional liga esse grupo à Serra do Tapirapuã.

A informante proprietária do local, com forte apelo sentimental pelo lugar, ao ser perguntado como era a área quando a propriedade foi adquirida, explica:

Era pasto. Um pasto meio ruim (riso) era uma parte que era plantada, plantava arroz, mas na verdade nem o arroz saia direito. Porque não tinha curva de nível, tinha muita erosão, e restante era pasto todo degradado também. Foi feita a recuperação da pastagem e essa área de lazer foi cercada, já com intenção de replantá-la e futuramente mexer com o lazer. E mesmo a serra era toda em pastagem, tinha uma ou outra árvore só, aí a gente começou a cercar ela e replantar ela para que o gado não subisse mais. E dez anos depois ela já recuperou tudo, já tá uma mata fechada.

Quando perguntado o que foi plantado, informa:

A gente plantou árvores nativas do cerrado, por exemplo, o ingá, que é nativo daqui, depois o jatobá, o baru, que é bastante apreciado pelas cutias e pelas antas. O ipê, amarelo, roxo, o rosa. O cedro, a aroeira, plantamos muita aroeira, por ser uma árvore que se climatiza muito bem e é nativa do cerrado, nessa área da serra, elas se dão muito bem, elas gostam muito da serra.

É importante destacar que não houve nenhum acompanhamento técnico, nem auxílio, quer seja de órgãos públicos, privados ou mesmos ONGs, na revegetação do local feita pelos proprietários nos últimos dez anos, portanto, pode ter ocorrido o plantio de alguma planta exótica. A informante conta que não possui curso superior em área afim, mas que pesquisou muito em livros e assistiu muitas palestras na busca das espécies nativas.

A categoria de informantes Visitantes Atuais é formado por um grupo de pessoas mais jovens do que o grupo anterior, fato que não ocorreu de forma deliberada, pois não houve uma escolha prévia, mas sim foram entrevistados aleatoriamente quando encontrados em visitas ao Mirante ou indicado por outra pessoa.

Outro aspecto importante detectado nesse grupo é que o contato com a natureza, mesmo que de certa forma modificada, se dá apenas em ocasiões especiais, o que torna esse contato também especial e até romantizado.

Na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais (TUAN, 1980).

Foi o que motivou o casal entrevistado, na categoria de visitantes atuais a escolherem o mirante como o local de seu casamento, pelo que o ambiente transmitia a ambos, a natureza, espaço aberto e fora do convencional, mais natural, com uma vista espetacular.

Uma informante estudante do ensino fundamental de apenas 16 anos aponta haver um clima de harmonia que a envolve e a todos, o ar muito mais limpo, destacando a diferença entre campo *versus* cidade.

Outra informante também estudante do ensino fundamental, de 14 anos, refere-se ao “frio na barriga” ao ver a Serra, mas considera a visão do Mirante linda, mas, de tudo o que mais gosta é a paisagem plena.

Para Tuan (1980) a paisagem é um arranjo de aspectos naturais e humanos em uma perspectiva grosseira, os elementos naturais são organizados de tal forma que proporcionam um ambiente apropriado para atividade humana.

Um informante, estudante de curso superior que descobriu o Mirante através de retiro da Igreja, relata:

Na verdade a serra é uma serra muito bonita, traz paz assim para você. Eu senti umas coisas boas, agradáveis. (...) é um ambiente tranquilo propício para adorar o senhor, mas também tem opções de divertimento. (...) conhecemos as trilhas e principalmente o mirante à noite, nós íamos até lá para usufruir das belezas do lugar.

Para Tuan (1980) as atividades mundanas são periodicamente interrompidas por outros tipos de atos não ligados às necessidades físicas e fora da cadência normal dos ritmos das relações humanas, além do que as pessoas sonham com lugares ideais. A terra, devido aos seus vários efeitos, não é vista em todas as partes como a morada final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas.

Uma das parceiras da pesquisa, mãe de dois filhos e domiciliada em Tangará da Serra há dois anos, relata que foi atraída principalmente pelo cheiro. A

sensação ao subir a Serra foi determinante pela escolha do município de Tangará da Serra para fixar residência:

Eu me lembro quando eu vim para Mato Grosso, a gente tava procurando uma cidade para morar e eu não me agradava de nenhuma. Eu falava pro meu marido: não, não é aqui, quando ele entrou aqui, logo depois de Barra do Bugres, eu disse: eu já to gostando. Quando subi a serra, eu disse: esse cheirinho já ta me agradando. Eu ainda nem tinha avistado Tangará da Serra ainda. Eu me lembro muito bem. Aqui eu gostei, mal subimos a serra e eu já tinha gostado.

E ainda, comentando como descobriu o Mirante:

Quando cheguei em Tangará da Serra eu fiquei encantada com a natureza, eu queria conhecer tudo, todos os lugares. (...) nos trouxe, tiramos várias fotos, aí eu comecei a fazer propagando do local. Trazemos alunos aqui. Quando vem visita em minha casa, de Minas Gerais, de Goiás, a gente traz aqui.

A topofilia não é a emoção mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo (TUAN, 1980).

O prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade. Segundo o relato de um funcionário público, ao se deparar com a Serra percebe a exuberância, a beleza, a imensidão, o tamanho. Quando se vê pela primeira vez tem-se a impressão de que ela é muito maior do que realmente é, afirma ainda que ela assusta, mas também é muito bela. Para outros, o *locus* da Serra é o seu espaço de trabalho e a relação topofílica nesse caso é mais dicotômica, se de um lado a preservação do ambiente, imprescindível para o seu exercício profissional, requer certo afastamento de ações antrópicas, por outro lado justamente para exercer plenamente seu trabalho, faz-se necessário aceitar as ações humanas no ambiente natural. São principalmente nestes casos que torna-se necessária a implementação de atividades de educação ambiental, com vistas também à gestão ambiental.

A Serra do Tapirapuã na percepção de um informante professor de Educação Física, situa-se nesse contexto:

Por um acaso eu comecei a trabalhar com esporte de aventura e a palavra certa é mesmo redescoberta da Serra, e hoje a Serra é meu escritório de trabalho, onde a gente faz escalada, rapel, acampamentos, corridas de aventuras enfim. Então a serra, ali pelo Mirante, Tuim, toda a região até a Fazenda Paraíso é meu escritório de trabalho. Então quase

todo o fim de semana a gente tá ali, então a Serra vem para mim hoje como uma oportunidade de trabalho. Apesar de não estar tão preservada como na época em que cheguei aqui, ela oferece para mim uma oportunidade muito boa de trabalho.

Porém a empresária, proprietária do Mirante Camping e Lazer aponta:

(...), em 1997, ... na verdade era uma área totalmente degradada, daí a gente foi trabalhando ela, replantando, ajeitando para futuramente o lazer. Aberto, que a gente veio morar pra cá, tem cinco anos (2002). Funcionando tem dois anos (2004), todos esses anos a gente foi investindo, melhorando ela, replantando porque na verdade era muito degradada. (...) Tudo foi feito por conta própria, em termos financeiros ainda não foi um bom investimento, porque é um empreendimento que demora muito tempo para se ter um retorno, mas assim, como eu vou te explicar, pro ego da gente, com certeza valeu a pena. Porque pra quem viu a dez, doze anos atrás isso daqui, vê hoje completamente diferente, preservado, a gente vê os pássaros voltando, alguns animais silvestres voltando, então antes não tinha nada, então pra nós é uma imensa satisfação, nesse sentido, valeu muito a pena.

Se a única possibilidade é pensar a natureza dentro de sistemas ecossociais, todos os cidadãos são convidados, embora de maneira diferenciada, a participar da construção de alternativas aos riscos pressentidos e presenciados no presente (RUSCHEINSKY, 2002).

Na trilha realizada no Mirante Camping e lazer, com objetivos de observar os aspectos bióticos e abióticos e ainda analisar as possibilidades para propor ações de Educação Ambiental no local, pode-se destacar o relato apresentado por uma das participantes, professora bióloga:

Na medida em que subíamos a serra, a temperatura se tornava mais agradável, as plantas encontradas do estrato arbustivo e arbóreo, sendo as famílias que mais se destacaram das espécies: Tiliaceae, Malvaceae, Anacardiaceae, Solanaceae e Rutaceae. O solo observado possui grande afloramento rochoso. O local percorrido é propício para aulas de campo, podendo ser explorado, por exemplo, em aulas de Botânica, Fisiologia Vegetal, Ecologia e Solos, entre outras. O local possui várias trilhas que podem ser usadas em atividades de EA. Trata-se de uma área de grande beleza cênica e que pode ser usado como um local para estudos florísticos e fitossociológicos da vegetação da região de Tangará da Serra. A caducifolia apresentada pelas árvores no alto do mirante mostra claramente as respostas fisiológicas de plantas submetidas a um estresse hídrico determinado por um longo período de estiagem.

CONCLUSÃO

Conforme os dados obtidos pode-se refletir que os primeiros migrantes e visitantes atuais possuem uma forte interação com a Serra do Tapirapuã, indicando através da percepção ambiental demonstrada que deve haver uma nova construção no desenvolvimento, com sensibilização, conservando a fauna e a flora, os recursos hídricos, preocupando-se, também, com os outros aspectos abióticos, trabalhando para a recuperação do meio ambiente, plantando árvores, fomentando educação e pesquisas ambientais e, principalmente, punindo quem desrespeitar as leis ambientais que devem ser rigorosas.

A pesquisa é um elemento importante para verificar indicativos de percepção ambiental de atores sociais que, de alguma forma, estão inseridos na Serra do Tapirapuã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADARIOTTI, Nicolao. *Exploração no norte de Matto Grosso: região do Alto Paraguay e planalto do Parecis*. Apontamento de Historia Natural, Etnografia, Geographia e impressões. Cuiabá: Biblioteca Katukulosu – Missão Anchieta, 1898.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto. Porto Editora. 1994.

DIÁRIO DE CUIABÁ, MT - 358 está sendo duplicada sem licença ambiental, 1º/12/2000, Cuiabá, MT, Nº. 10025.

DIÁRIO DA SERRA, *Obras de duplicação da pista na serra terminam em 60 dias*, 02/08/2001, Tangará da Serra – MT.

DUARTE, M.B. *Leituras do Lugar-Mundo-Vivido a Partir da Intersubjetividade*, **Dissertação de Mestrado**, 2006, UFMG.

FABRIS, Leni Ferreira. *Passeando por Mato Grosso*. Cuiabá: Secretaria Municipal de Cuiabá, 2001. 107p.

GEOTEC SIG – *Planejamento e Geotecnologia*, Tangará da Serra – MT, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**, tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 3ª. Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006 – (Tópicos)

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Famílias e Natureza: as relações entre famílias e ambiente na colonização de Tangará da Serra – MT**, Tangará da Serra – MT, Gráfica e Ed. Sanches Ltda, 2004.

_____. **Tangará da Serra: História e espaço geográfico – ITEC NOTÍCIAS**, Tangará da Serra, Ano I, n. 01, nov./dez/2002.

ROZEIRA, Miton. **Tangará da Serra, Sua Terra, Sua Gente**, Campo Mourão, PR, Polvo, 1999.

RUSCHEINSKY, Aloísio (org). **Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas**, Porto Alegre, Atmed, 2002.

TUAN, Yu-Fu. Topofilia – **Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**, tradução de Livia de Oliveira, DIFEL, São Paulo, 1980.

WESKA, Ricardo Kalokowki. **Uma Síntese do Cretáceo Superior Mato-Grossense**, **Revista Geociências**, UNESP, SP, v. 25, Nº. 1, p. 71-81, 2006.